

Distorções de uma Feminilidade Mediada pela Arte e Tecnologia

Distortions of a Femininity Mediated by Art and Technology

Isabela Lefol Arruda¹

¹ Mestre do PPGCOM da Universidade Federal de Goiás (UFG) na linha de pesquisa Mídia e Cidadania. É UX Researcher e atua na área de design e tecnologia. Pesquisadora no Laboratório Invisível – In-visible College – Redes: diálogos e tramas entre arte e tecnologias contemporâneas, 2023. isabelalefol@gmail.com

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar como a tecnologia pode impactar a construção da feminilidade, usando o coletivo ciberfeminista VNS Matrix como estudo de caso. O VNS Matrix desafia as normas de gênero através da arte digital, questionando a visão bíblica e promovendo a ideia do ciborgue. O texto explora a tensão entre a visão cristã de feminilidade e as perspectivas feministas, argumentando que a utilização errônea da tecnologia pode aprofundar distorções e fragmentações de identidade. Há a necessidade de resgatar o conceito bíblico de feminilidade de forma autêntica e usar a tecnologia para comunicar o Evangelho de maneira criativa e relevante.

Palavras-chave

Feminilidade; tecnologia; ciberfeminismo; VNS Matrix.

Abstract

The article aims to analyze how technology can impact the construction of femininity, using the cyberfeminist collective VNS Matrix as a case study. The VNS Matrix challenges gender norms through digital art, questioning biblical views and promoting the idea of the cyborg. The text explores the tension between the Christian vision of femininity and feminist perspectives, arguing that the erroneous use of technology can deepen distortions and fragmentations of identity. There is a need to rescue the biblical concept of femininity in an authentic way and use technology to communicate the Gospel in a creative and relevant way.

Keywords

Femininity; technology; cyberfeminism; VNS Matrix.

1. Introdução

A tecnologia, de alguma forma, sempre influenciou como as pessoas se relacionam entre si e com elas mesmas. Seja afetando os meios de produção, as formas de comunicação, e tantos outros campos, o avanço tecnológico e científico por vezes parece ser a grande resposta para a redenção da humanidade. Na modernidade “a tecnologia é vista como a resposta a uma série de problemas e como a solução para todos os tipos de males”². Sem dúvida, a conectividade e a digitalização moldaram significativamente a nossa abordagem em relação à realidade e, por extensão, à nossa própria identidade. Mas o que seria identidade?

Segundo Castells (2018), podemos entender por identidade “a fonte de significado e experiência de um povo”. Isso significa que, para o sociólogo, a identidade está conectada com a cultura, idioma, costumes, ou seja, tudo o que caracteriza um povo. Contudo, o autor argumenta que para alguns indivíduos, as identidades podem ser múltiplas e até mesmo contraditórias, pois identidades são construídas. É possível ver com clareza esse aspecto quando olhamos para as mulheres e as diversas teorias que surgem ao longo da história. Por exemplo, o movimento feminista tem várias vertentes, como o feminismo liberal, o feminismo radical e até uma teologia feminista, entre outras, cada uma trazendo diferentes perspectivas e, por vezes, até mesmo contradições entre si sobre o papel e os direitos das mulheres na sociedade. Essas discussões se tornam ainda mais múltiplas com o avanço das tecnologias e a popularização do meio virtual pois há um novo aspecto da realidade no qual ‘você pode ser o que quiser ser’.

Dessa forma, o presente artigo se propõe a discutir a seguinte questão: como a tecnologia influencia a construção da feminilidade? Para tanto, será utilizado como estudo de caso o coletivo artístico ciberfeminista VNS Matrix. Ao analisar as alegações das artistas e suas representações nas obras, busca-se compreender como diferentes usos da tecnologia e da arte podem moldar e redefinir a compreensão da identidade feminina.

2. O coletivo artístico VNS Matrix

Ao passo que a tecnologia ia se expandindo e se popularizando na sociedade, os debates sobre feminismo e gênero também passaram a se multiplicar. O Movimento Feminista, em suas primeiras ‘ondas’³ começa a questionar diversas limitações

2 Schuurman (2016, p. 79-80)

3 Muitos teóricos classificam o Movimentos Feminista em ‘ondas’, que representam diferentes fases. A primeira onda focou em direitos legais e políticos, a segunda concentrou-se em questões mais amplas de igualdade social, cultural e econômica e a terceira onda discutiu as complexidades da experiência feminina e questões de gênero. Há debates sobre uma quarta onda, focada em questões tecnológicas e ativismo online.

das mulheres na sociedade, como o movimento das sufragistas⁴. Com o tempo, as discussões evoluíram, trazendo à tona questões sobre o próprio significado de ser mulher. A chamada ‘quarta onda’ do feminismo é marcada pelo advento tecnológico e como o movimento passou a utilizar o meio digital para se articular de novas formas. Os movimentos ciberfeministas emergem tanto para questionar a subrepresentação das mulheres em ambientes de desenvolvimento tecnológico, uma área predominantemente masculina, quanto para utilizar novas ferramentas digitais para expressar e contestar os conceitos tradicionais de feminilidade.

A célebre frase de Beauvoir (1949) “não se nasce mulher, torna-se mulher” surge em um contexto em que se iniciam os questionamentos sobre o que é gênero e como uma mulher se constrói na sociedade. Esta frase marcou uma mudança significativa na teoria feminista, trazendo a ideia que a feminilidade não é uma condição biológica, mas uma construção social. Ela abre portas para novas teorias, até que em 1991, Donna Haraway escreve o *Manifesto Ciborgue*, dando o tom das próximas provocações que viriam, ampliando esse debate ao explorar as implicações da tecnologia na identidade de gênero:

“O ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero [...] o ciborgue não é parte de qualquer narrativa que faça apelo a um estado original, de uma “narrativa de origem” [...]. O ciborgue está determinadamente comprometido com a parcialidade, a ironia e a perversidade. Ele é oposicionista, utópico e nada inocente [...]. O ciborgue não reconheceria o Jardim do Éden; ele não é feito de barro e não pode sonhar em retornar ao pó.” (HARAWAY, 2009, p. 38-40).

Como Haraway aponta, o ciborgue — a fusão do ser humano com a máquina — foge do que a autora chama de “narrativa de origem”, fazendo uma contraposição clara ao Gênesis e a tradição cristã da criação. Esse conceito confronta as dicotomias tradicionais de homem e mulher, incentivando uma nova geração de feministas a reimaginar as identidades femininas.

Nesse cenário, destaca-se o coletivo artístico ciberfeminista VNS Matrix⁵, que intensifica essas questões ao utilizar tecnologias digitalmente mediadas para criar obras provocativas. O coletivo foi escolhido pois representa uma das primeiras manifestações declaradamente ciberfeministas, utilizando tecnologia e arte para contestar padrões de feminilidade.

O grupo surgiu no Sul da Austrália em 1991 com 4 artistas e, segundo as mesmas, o coletivo “forjou uma aliança profana com a tecnologia e suas máquinas e

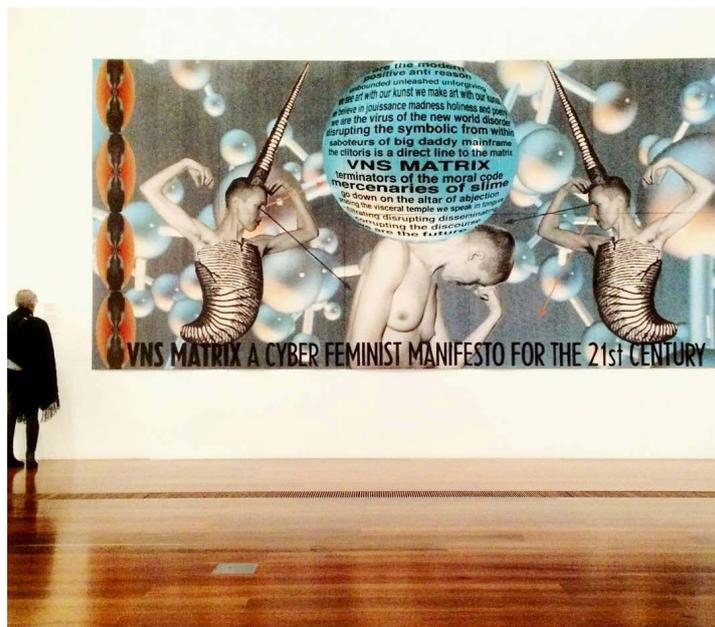
⁴ Caracterizada como a primeira onda do movimento feminista, as sufragistas reivindicavam principalmente o direito ao voto.

⁵ Disponível em: <https://vnsmatrix.net/>

vomitou um texto blasfemo que foi o nascimento do ciberfeminismo” (VNS Matrix, s.d.). As integrantes passaram a incorporar ferramentas tecnológicas em suas práticas artísticas, promovendo diversas experimentações que exploravam a relação entre mulheres e tecnologia com instalações e obras de arte pública, trabalhando com novas mídias, fotografia, som e vídeo. Para compreender mais o ponto de vista das artistas e como elas mesclavam seu posicionamento com a arte e a tecnologia, analisaremos mais de perto dois projetos.

O primeiro trabalho do coletivo, realizado em 1991, foi o *Manifesto Ciberfeminista para o Século XXI*, inspirado em Donna Haraway. Primeiramente, as artistas lançaram seu texto provocativo na Internet, com diversas frases marcantes e que expressavam as ideias do coletivo. Um ano depois, construíram um grande *outdoor* de 6m x 3m, o *Billboard Project* (1992), cheio de ícones especulativos e fantásticos mesclados ao texto, criando uma imagem marcante.

Imagem 1 - Exposição VNS Matrix



Fonte: VNS Matrix 1992

A colagem digital emprega “uma estranha variedade de imagens” como as próprias autoras descrevem, com elementos como “fragmentos esféricos de DNA, fatias vaginais coloridas e um par de mulheres espelhadas com chifres de unicórnio, flexionando os músculos e emergindo de conchas.”⁶. Assim, se entrelaçam frases do

⁶ VNS Matrix. Billboard Project. Disponível em: <https://vnsmatrix.net/projects/billboard-project>. Acesso em: 2 de agosto de 2023.

manifesto com distorções da imagem corporal de uma das artistas. Este trabalho carrega um marco significativo, sendo a primeira vez que o termo "ciberfeminismo" é oficialmente utilizado.

A imagem resultante é profundamente provocativa, causando estranheza e apresentando um claro posicionamento político: "nós somos o vírus da nova desordem mundial, rompendo o simbólico por dentro" (VNS Matrix, 1991). As artistas exploram a fusão entre tecnologia e arte para desafiar os ideais cristãos e disseminar o conceito do 'ciborgue'. Nesse sentido, é possível explorar como a tecnologia é vista como uma forma de conectar as mulheres a uma nova realidade. Ela assume um papel emancipador, como se oferecesse uma possibilidade de resgate, de livrá-las de seu cárcere. Contudo, é possível observar de forma clara como a tecnologia é elevada a uma posição de ídolo, revelando o desígnio do coração das artistas. Estão absolutizando a tecnologia e as mulheres em detrimento de todos os outros aspectos.

O segundo trabalho é ainda mais incisivo. O projeto "ALL NEW GEN" (1992–1993) é uma espécie de videogame hipotético, que convida seus jogadores para adentrar o universo das artistas. Segundo as mesmas, o jogo surgiu do desejo de "interromper o mundo machista dos videogames com um jogo de computador feminino não centrado em binário" (VNS Matrix, 1992). Inicialmente, ele surgiu com instalações que simulavam o jogo, exibido como uma obra de arte independente e interativa.

Imagem 2 - Fragmento ALL NEW GEN



Fonte: VNS Matrix 1992

Imagem 3 - Pessoas na instalação do projeto ALL NEW GEN

Fonte: VNS Matrix 1992

No jogo (também chamado de game girl em oposição ao game boy), o objetivo principal é unir-se às 'sheroes' para destruir o banco de dados do vilão, um homem. Todas as batalhas são na 'Zona', uma terra de "propaganda, subversão e transgressão" e quem te guia na jornada são as DNA Sluts, que renunciaram ao 'regime opressivo'. Nas regras do jogo, as artistas deixam claro: "esteja preparado para questionar sua construção biológica de gênero. Esteja ciente de que não há código moral na Zona" (VNS Matrix, 1992). A obra, assim, revela uma tendência de rebelião contra estruturas tradicionais de gênero, moralidade e autoridade. No entanto, mesmo com a insistência de quebra do binário, é perceptível a rejeição ao masculino, visto como algo ameaçador e opressor. Ao glorificar a subversão e a desconstrução das normas estabelecidas por Deus, 'All New Gen' promove uma visão distorcida e perigosa das relações entre homens e mulheres.

3. A Feminilidade

Muitos que defendem as teorias feministas frequentemente colocam a visão bíblica de feminilidade como ultrapassada, limitante, inferior, como pode ser observado nas obras analisadas, que a todo momento se colocam como "exterminadores dos códigos morais". A submissão, por exemplo, é um alvo frequente de críticas e de más interpretações. A moral cristã é vista como algo ruim e até castradora para as mulheres. Como a colunista Júlia de Miranda expõe na revista feminista Az Minas: "afirmações bíblicas tratam de temas como a punição, a invenção cristã do pecado e a utilização do sentimento de culpa como estratégia de controle dos fiéis, e a associação

de atitudes negativas direcionadas à existência feminina”.⁷ A ciborgue, nesse sentido, seria a contraposição dos valores e ideais cristãos, pois defende um mundo pós-gênero e não reconhece sua origem no Éden.

Ao estudar as Escrituras, porém, o que se vê não são definições que buscam inferiorizar a mulher, pelo contrário. Existem sim diferenças entre os papéis femininos e masculinos, mas a premissa básica do Gênesis é que Deus criou tanto o homem quanto a mulher como sua imagem e semelhança, fato, frequentemente deixado de lado por muitos que criticam o cristianismo. Apesar disso, as características que descrevem a feminilidade de uma mulher cristã ainda são bem diferentes e nada populares entre as teorias feministas, mesmo existindo autoras que propõem intersecções, como Elisabeth Schüssler Fiorenza, teóloga feminista católica romana, Phyllis Trible, que é uma estudiosa bíblica feminista, entre o outras. Como Ennis (2003, p. 48) bem resume:

A Escritura está repleta de diretrizes que instruem a mulher cristã a retratar sua feminilidade ajudando (Gen 2:18), exibindo graça (Provérbios 11:16), vivendo uma vida pura vida (1Pe 3:1-2), vestindo-se modestamente (1Tm 2:9; 1Pe 3:3), desenvolvendo um espírito manso e quieto (1 Pe 3:4), submetendo-se a seu marido (Ef 5:22), e ensinando as mulheres mais jovens (Tito 2:3-5). [...] Virtuosa, confiável, enérgica, fisicamente apta, econômica, altruísta, honrada, amável, preparada, prudente e temente a Deus abrange onze características que destacam o caráter da mulher digna em Provérbios 31:10-317 (p.48).

Não há nada de errado, nem ruim, em tal definição, contudo, ela é constantemente deturpada. A visão de uma mulher compassiva, submissa e amável não é aceita e esta é colocada como uma mulher fraca, controlada pelos homens. Há uma falsa promessa de que ao rejeitar tais características, as mulheres seriam mais livres, mais felizes. Temos como exemplo Betty Friedan, que foi uma grande voz no ativismo feminista norte-americano. No seu livro de 1963, "A Mística Feminina", Friedan, de forma precisa, critica o conceito de feminilidade que limita as mulheres, privando-as de voz e vontade própria. Contudo, a autora coloca na mesma crítica mulheres que são esposas e mães e o fazem nos termos bíblicos, dizendo que ao escolher a feminilidade, essas jovens estão condenadas ao tédio, falta de objetivos, a não-existência, que pode se chamar também de falta de identidade (1971, p.158). Dizer que essas mulheres estão condenadas é uma afirmação forte, pois implica em uma condenação e em uma visão desrespeitosa sobre a escolha dessas mulheres. No entanto, é importante reconhecer que no meio cristão há extremismos que podem efetivamente limitar as mulheres, como a condescendência

7 Miranda, Julia de. Espiritualidade feminista: de qual Deus estamos falando? AzMina, 2020. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/espiritualidade-feminista-de-qual-deus-estamos-falando/>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

com abuso doméstico, uma realidade triste ainda presente em algumas igrejas. Além disso, algumas comunidades impõem uma série de regras e padrões de feminilidade cristã que são inalcançáveis para muitas mulheres, mostrando que mesmo entre os fiéis ainda existem más interpretações das Escrituras.

Ao analisar de forma mais profunda as alegações de que o Cristianismo “torna mais difícil para as mulheres viverem vidas livres de opressão”, Storkey (1988) chega a conclusões interessantes. Ela argumenta que a religião cristã não é abusiva pois, ao analisar diversas situações de mulheres na Bíblia, especialmente a interação de Jesus com mulheres, fica claro que a opressão não é algo que reflete a natureza e caráter do fundador da fé cristã. É possível averiguar tal afirmação em passagens como da mulher com fluxo de sangue (Lucas 8:43-48), na qual Jesus não a repreende por tê-lo tocado, mesmo que ela fosse considerada impura; também é visível na história da mulher samaritana (João 4:7-26), na qual Jesus dialoga com ela, desafiando as normas sociais, já que era mal visto o fato de ele conversar com uma mulher e, além disso, uma samaritana, e ela não ser casada com o homem com quem estava; outro exemplo é o da mulher que derrama perfume aos pés de Jesus (Lucas 7:36-50), nessa passagem reprova quem a critica e exalta sua atitude. Essas passagens bíblicas ilustram como Jesus desafiou as convenções sociais de sua época ao tratar as mulheres com dignidade, respeito e igualdade, independentemente das normas culturais e das restrições impostas a elas.

Além de argumentar com tais passagens, Storkey vai além em suas críticas e apresenta sua tese sobre o porquê o Cristianismo muitas vezes é lido como opressor às mulheres:

A crença de que a 'alma' imaterial está aprisionada dentro de um 'corpo' material básico ainda pode ser encontrada na mitologia popular, mas é uma ideia grega e não bíblica. O que o tornou tão pronunciado na área de gênero é que as mulheres rapidamente se tornaram aquelas identificadas com a forma de vida material, corporal e sexual, enquanto os homens se associaram ao aspecto racional e da alma. Minha tese é que muitos dos problemas dentro do Cristianismo devem suas origens à fusão do pensamento cristão dos primeiros Pais da Igreja com as ideias gregas pagãs. (STORKEY, 1988, p. 214).

Assim, a autora expõe mais uma problemática, mostrando que as distorções na realidade podem ter origem nas teorias pagãs, especialmente com o pensamento neoplatonista que propõe um dualismo entre mente-corpo: a alma é vista como pertencente a uma ordem superior de realidade, enquanto o corpo pertence ao mundo material. Esse pensamento, contudo, é contrário à visão da restauração integral do ser humano e além disso, a fé bíblica celebra nossos corpos e nossa vontade de pertencer

um ao outro, ao passo que resiste às desordens e disfuncionalidades do pecado (Dulci, 2019). Dessa forma, é possível ver como as distorções sobre feminilidade possuem origens muito remotas e refletem percepções que perduram até hoje, levando a radicalismos e a perda do real significado bíblico.

Frame (2013) também destaca que somos iguais perante a Deus pois somos criados à sua imagem e semelhança. Mesmo os papéis claramente estabelecidos no lar e na igreja pela Palavra, essas diferenças também refletem a Deus. O autor expõe as diferenças de nossa sexualidade retratam atributos divinos, como a criatividade, o amor, a aliança, submissão, serviço.

“Tanto homens quanto mulheres, portanto, se parecem com Deus e são chamados a representá-lo por toda a criação, exercendo controle, autoridade e presença em seu nome. Essa doutrina não é inconsistente com a subordinação das mulheres aos homens em casa e na igreja” (FRAME, 2013, p. 600).

Assim, todos são chamados e nas nossas diferenças também glorificamos a Deus. Frame continua sua argumentação enfatizando que, apesar das Escrituras não proibirem a atuação das mulheres em outras áreas, o lar é o foco do labor da mulher e não há nada de degradante nisso. Gerar filhos é tão ou mais importante para Deus que qualquer outra atividade. Além disso, o autor aponta que as restrições sobre cargos na igreja não são por conta de menor capacidade, pelo contrário, mas porque o papel distintivo da mulher são de suma relevância, que é o cuidado e serviço aos pequeninos. Ser CEO em uma indústria não deve ser considerado mais valioso que criar filhos. Dessa forma, percebe-se como princípios criados por Deus para preservar valores, a igreja e a família, são contaminados por visões que deturpam o propósito real das ordenanças divinas.

4. Considerações finais: como definir a identidade feminina?

A tecnologia para alguns grupos nutriu esperanças quase redentivas, como se ela fosse capaz de trazer mais igualdade e mais acesso a comunidades marginalizadas. Para muitas mulheres, surgiu a expectativa que as novas ferramentas criadas seriam capazes de conseguir ampliar suas vozes, especialmente pensando no mundo virtual, já que mudou paradigmas e trouxe a possibilidade de qualquer um poder emitir uma mensagem para um grande número de pessoas. Contudo, essa esperança se mostrou rapidamente ingênua. O ambiente digital aprofundou ainda mais as distorções e as fragmentações de identidade, criando um espaço ilimitado onde cada indivíduo pode assumir qualquer papel. A digitalização acrescentou novas camadas ao pensamento platônico que separa o corpo material da alma imaterial.

Dessa forma, surgiram diversos movimentos, como o VNS Matrix, que distorcem o que é ser mulher, utilizando a tecnologia para alimentar teorias e pensamentos contrários à Palavra. Há uma subversão dos estereótipos de feminilidade. O ambiente virtual emerge como um cenário que desafia esses padrões, inicialmente com a esperança de fortalecer as mulheres com novas perspectivas, mas eventualmente resultando em dilemas éticos e morais. Na ânsia pela liberdade, há disfunções que veem o conceito bíblico de feminilidade como algo ruim, algo a ser evitado e combatido.

Ainda, há a criação de identidades digitais que fragmentam ainda mais as percepções que cada indivíduo tem de si. Cada um pode criar personagens e conectar-se com diferentes pessoas devido à liquidez e ambiguidade no espaço digital. Assim, vemos que há uma profunda distorção do que é identidade pessoal, pois passa a se basear não em pressupostos definidos desde a Criação, mas sim na fluidez, como algo não estanque, o que gera uma série de confusões acerca de quem é o ser humano e qual o seu propósito último. A experiência do que é ser mulher, então, passa a ser desafiada, pois se o que é visto como feminino é algo ruim, então ser mulher na internet e nas redes sociais pode ser interpretado de diversas maneiras, muitas vezes distantes da verdadeira essência feminina revelada nas Escrituras. Além disso, ser mulher nessa nova ambiência pode ser qualquer coisa, inclusive um papel interpretado por qualquer um. Essa alienação da revelação bíblica leva a distorções do real papel e valor da mulher, minando sua dignidade e promovendo uma cultura cada vez mais amoral. A fluidez das identidades fragmenta não apenas as percepções individuais de quem somos, mas também deturpa a criação de Deus.

O cerne do propósito do ser humano é o mesmo: “glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”, como bem resume o catecismo de Westminster. Do ponto de vista cristão, a identidade é muito mais que uma construção social. Nossa identidade se baseia em nossa fé, que somos filhos de Deus. Como Dulci (2019, p.57) aponta, desassociar atração, afeição e sexualidade de identidade é uma necessidade urgente, pois o que nos qualifica não é gênero ou sexo, mas sim a nova aliança em Cristo: “a moralidade cristã não vincula a nossa orientação sexual à nossa identidade. [...] Nossa identidade é bem maior que nossas práticas”. Ainda que a Palavra defina muito claramente os papéis do homem e da mulher e mostre a importância do nosso corpo como templo do Espírito Santo, nossa identidade deve, em primeiro lugar, ser firmada em Cristo. Somos a imagem e semelhança de Deus e essa é nossa maior característica. Quando tiramos o maior peso de nossa identidade de características biológicas ou comportamentais, conseguimos nos firmar e nos redirecionar para a direção correta. Por fim, há uma apropriação tecnológica, mas não para auxiliar, cultivar e guardar o reino, pelo contrário, a tecnologia - nesse ponto - é utilizada para minar e confundir as estruturas e direções estabelecidas por Deus desde a criação. Nesse cenário, é necessário

que haja cada vez mais cristãs utilizando a tecnologia de formas criativas e inovadoras para que o Evangelho chegue a mais pessoas e para que o ambiente digital não seja dominado por pessoas contrárias à Lei de Deus. Mais que isso, como Rookmaaker (2010)⁸ aponta, devemos produzir arte não apenas com um tema nitidamente 'gospel', mas devemos comunicar o evangelho na perspectiva da Graça Comum, mostrando Deus em todas as suas nuances. Assim, devemos zelar para que o conceito bíblico de feminilidade não seja visto como ultrapassado, mas que seja revisitado da forma correta, trazendo o frescor e a segurança do que é ser uma mulher no reino de Deus.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.

DULCI, Pedro. **Identidade e sexualidade**: Reformando nossa visão de conceitos fundamentais. 2ª edição. Editora Monergismo, 18 de julho de 2019.

ENNIS, Patricia; TATLOCK, Lisa. **Becoming a Woman Who Pleases God**: A Guide to Developing Your Biblical Potential. Moody Publishers, 2003.

ROOKMAAKER, H. R. (2010). **A arte não precisa de justificativa**. Editora Ultimato.

STORKEY, Elaine. **"Nuns, Witches and Patriarchy."** Anvil 5.3 (1988): 207-214.

VNS Matrix. Página Inicial. Disponível em: <https://vnsmatrix.net/>. Acesso em: 2 de agosto de 2023.

8 ROOKMAAKER, H. R. A Arte não Precisa de Justificativa. Editora Ultimato, 2010.